

Manoel Fe de Junho 67

Belo Horizonte

CIDADE

Que há com Belo Horizonte? Talvez seja o pecado original, o estranho pecado original das cidades inventadas. Não nasceu como qualquer uma junto a um pôrto, na beira de um rio, na escruzilhada de um caminho; não nasceu/ foi feita, riscada no papel. Impossível negar sua beleza; ainda agora, olhando a majestosa subida da avenida Afonso Pena, no fim da madrugada, tive a mesma impressão de beleza ampla que teve o adolescente que saía a pé, na madrugada fria, para a sua Linha de Tiro.

Aqui estudei, cresci, trabalhei, amei, sofri... E no entanto, esta cidade que às vezes foi tão generosa para comigo, que me acolheu à sombra de suas antigas mangueiras, ela sempre me dará uma espécie de angústia mansa, uma vontade de partir de repente, como parti uma vez para S. Paulo, sem nenhum dinheiro, sem conhecer ninguém, partir por partir... E que bem ao peito me faz chegar a Sabará; é esse rio, são esses rios, tão diferentes do pobre Arrudas, rios que dão à cidade uma ilusão de liberdade, rios onde podemos embarcar nossas esperanças.

Um dia ainda espero que Monzeca me explique a sedução de Belo Horizonte, pois este é um segredo de Monzeca. Quando passo com Emilio Moura pela porta do Cinema Glória, domingo à tarde, tenho uma espécie de alucinação no tempo; esta mesma calçada, este mesmo cinema, esses mesmos rapazes no meio-fio, essas mesmas moças meio endomingadas — e olhamos o cartaz —, esses mesmos filmes de 1931. Emilio Moura está fazendo 50, éle, Dornas e Drumond; eu vou chegando aos 40, com Oswaldo Alves. Somos todos gente mais ou menos daqui; Dornas sonha com um sítio, Drumond só sai do Rio para Itabira, Oswaldo Alves não pensa em voltar; evito interrogar Emilio, éle me confessa que às vezes desconhece a cidade, "estranha de repente" — esta porta do Cinema Glória é que nos afunda nas recordações de 40 anos. Então, de súbito eu sinto por esta bela cidade essa espécie de ternura desesperada que a gente tem por uma pessoa a quem gostaria de amar. Aqui fui tão infeliz e também tão feliz no amor; mas se as pessoas ficaram na lembrança, doendo, por que a cidade não se incorpora a essas imagens, como a ponte municipal de Cachoeiro, aquela rua em Paris, aquela esquina do Rio, aquele bar de São Paulo?

Aqui vivi minha mais simples e perfeita história de amor; tenho saudades de pessoas e também de mim mesmo naquele tempo; mas a cidade é estranha a tudo, ela não me emociona como devia — há alguma coisa de asséptico, de neutro, de arrumado e de impessoal na cidade.

E como cresceu! Ando pelas ruas, não conheço quase ninguém. Encontro-me com amigos velhos, me reencontro um pouco ao fim de tantos anos; mas Belo Horizonte, serena e bela, não tem nada a ver com isso

de vida nascida;

M 481

as modestas canções de
nossa vida

chegando aos
50

anda pelo Recife;

301

~~14/10/52~~ R. B.

14.10-52

165